

Ensaio à *la Nacirema*: Relato de uma experiência docente em Antropologia

Soraya Fleischer¹

Rosana Castro²

Laísa Cardoso³

Amanda Duarte Machado⁴

Gíllian Arêa Leão Silva⁵

Nathan Lima Virgílio⁶

Géssica de Oliveira Motta⁷

RESUMO

A disciplina mais frequentemente ofertada por um Departamento de Antropologia é “Introdução à Antropologia”, que tem como objetivo geral apresentar a Antropologia Social para diferentes cursos da universidade. Em geral, esse curso realiza a leitura e discussão de textos da área, como o clássico “O ritual do corpo entre os Nacirema” de Horace Miner (1956). Provocamos os estudantes de turmas de 2011 a produzirem um “ensaio à *la Nacirema*”, em que deveriam descrever algo que lhes fosse familiar para um desconhecido, estimulando que o relativismo, valor caro à Antropologia, fosse exercitado na prática. Nesse artigo, discutimos essa experiência didática bem como incluímos os cinco melhores ensaios produzidos pelos estudantes. O objetivo é ilustrar a possibilidade de autorreflexão na formação profissional, a produção de conhecimento antropológico já no início dos cursos de graduação e a importância do registro de experiências didáticas pela área da Antropologia.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia. Experiência didática. Naciremas.

Nacirema Essay: A Report of Classroom Experience in Anthropology

ABSTRACT

The most frequent course in an Anthropology Department is “Anthropology 101”, which intends to present Social Anthropology to other areas in the university. In general, this course proposes to read and discuss texts, as the classic “*Body Ritual among the Nacirema*”, from Horace Miner (1956). Students from two classes in 2011 were provoked to produce a “Nacirema essay”, where they should describe something that was very familiar to them to an unknown someone. Here, relativism, cherished value in Anthropology, was to be practiced. In this paper, we discuss this classroom experience as well as include the five best essays produced by the students in question. Our goal is to illustrate the potential self-reflection in the professional learning, produce anthropological

¹ Doutora em Antropologia Social, Professora do Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília. E-mail: sorayafleischer@hotmail.com.

² Mestra em Antropologia Social pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

³ Graduanda em Ciência Política na Universidade de Brasília.

⁴ Graduanda em Ciências Sociais na Universidade de Brasília.

⁵ Graduando em Ciências Sociais na Universidade de Brasília.

⁶ Graduando em Ciências Sociais na Universidade de Brasília.

⁷ Graduanda em Ciências Econômicas na Universidade de Brasília.

knowledge in the beginning of university life, and value the registry of classroom experiences in Anthropology.

KEYWORDS: Anthropology. Classroom experiences. Naciremas.

1. Introdução

Na grade curricular do curso de graduação do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN/UnB), há um leque de disciplinas obrigatórias, algumas oferecidas principalmente para os estudantes de Ciências Sociais, outras, para estudantes de demais cursos (como Ciência Política, História, Museologia, Economia, Serviço Social etc.). Uma dessas disciplinas é “Introdução à Antropologia” (doravante, IA), que tem como objetivo geral apresentar a Antropologia Social e suas especificidades dentro do campo das Ciências Sociais, desenvolvendo debates e reflexões sobre seus conceitos básicos e questões atuais fundamentais. Atualmente, a cada semestre, o DAN oferece sete turmas de IA com uma média de 45 estudantes em cada uma.

Ao longo da história do ensino da antropologia no Brasil, os cursos de IA ganharam importância no currículo de diversas graduações, sobretudo por seu potencial de sensibilização dos estudantes a questões fundamentais da sociabilidade humana. Como lembra Grossi, sobre a década de 1970:

A Antropologia se tornou uma das disciplinas de Ciências Humanas das mais demandadas por outros cursos em busca da sensibilização de seus alunos a questões sociais e deste Homem universal e moderno que é objeto de estudo das Ciências Humanas. Disciplinas de Introdução à Antropologia passaram a ser oferecidas como disciplinas introdutórias para carreiras nas áreas da Saúde (Medicina, Odontologia, Enfermagem, Nutrição, Fisioterapia), das Ciências Sociais Aplicadas (Serviço Social, Direito, Administração, Contabilidade, Economia, Comunicação, Design, Publicidade), das Humanidades (História, Psicologia, Pedagogia), entre muitas outras (GROSSI, 2006, p. 8).

Diante da expansão dos cursos de IA na formação de profissionais das mais diversas áreas, bem como dos desafios da graduação e/ou habilitação em antropologia, o ensino de Antropologia no Brasil em geral e, mais pontualmente, o lugar e peso da disciplina de IA no curso de graduação em Ciências Sociais e/ou Antropologia se tornou tema de interesse de diversos antropólogos, bem como da própria Associação Brasileira de Antropologia (ABA) (GROSSI *et al*, 2006; TRAJANO FILHO, 2006; TAVARES *et al*, 2010). Woortman aponta, por exemplo, que IA tem papel de sedução e conversão nas graduações de Ciências Sociais e, justamente por isso, devemos continuar dando a devida importância a esta disciplina:

Na própria graduação em Ciências Sociais, a maioria dos alunos ingressa no curso tendo em vista a Sociologia, socialmente mais visível, para que, num momento posterior, alguns se convertam à Antropologia. Para esse processo de conversão, é fundamental a disciplina Introdução à Antropologia (que, em algumas universidades norte-americanas, tem o sugestivo nome de “*Invitation to Anthropology*” e é encargo dos professores com maior senioridade). É o momento em que o aluno se repensa num exercício espiritual; é o momento da sedução, da atração para a tribo dos antropólogos (WOORTMAN, 2006, p. 181).

A ementa básica de IA do DAN, que orienta o desenvolvimento dos programas de ensino de todos os docentes do departamento, sem tirar-lhes o espaço para uma enorme versatilidade na prática, consiste nos seguintes pontos: 1. A especificidade da Antropologia, a diversidade e o relativismo cultural como campo teórico; 2. A evolução humana como processo biocultural, o inato e o adquirido; 3. O trabalho de campo como metodologia e; 4. A variedade temática da Antropologia. Com frequência, os professores organizam o curso em aulas expositivas e dialogadas a partir de filmes e/ou textos a serem previamente lidos pelos estudantes e a realização de exercícios escritos por parte destes últimos. Os textos tendem a ocupar posição central nos programas do curso e têm como característica um conteúdo, por um lado, introdutório de conceitos e discussões fundamentais da antropologia e, por outro, provocativo de reflexões potencialmente dissolutoras de noções preconceituosas em relação a cosmologias e práticas de grupos distintos dos que estudantes e docentes participam.

No segundo semestre de 2011, uma das turmas de IA ofertadas pelo DAN ficou sob responsabilidade de uma de nós e em outra compartilhamos o exercício de docência. Dessas turmas, uma que podemos chamar de “A” era quase exclusivamente voltada para os estudantes recém-ingressos no curso de Ciências Sociais, enquanto a outra, doravante “B”, era uma turma basicamente formada por calouros do curso de Ciência Política, há mais de três décadas um curso independente das Ciências Sociais na UnB. Juntas, as turmas contavam com 94 estudantes, quase em sua totalidade “calouros” ou “bichos”, como costumam ser chamados os universitários recém-ingressos. Em geral, estavam entre 17 e 20 anos de idade, eram nascidos e moradores do Distrito Federal, provindos de colégios públicos e particulares de ensino médio. Cerca de 2/3 não moravam no centro (Plano Piloto, Cruzeiro, Sudoeste, Lago Norte e Lago Sul), mas em outras regiões administrativas do DF, o que pode indicar um pertencimento às classes médias e médias baixas. Uma pequena minoria havia nascido em cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás e Minas Gerais (especialmente aqueles municípios goianos e mineiros do entorno do DF). Alguns tinham um curso prévio de graduação,

cerca de metade cursava um segundo curso simultaneamente, em alguma faculdade particular da cidade.⁸

Na turma “B”, em que trabalhamos juntas, uma de nós atuou como estagiária docente. Cumprindo requisito disciplinar do mestrado que cursava a época, colaborou na disciplina de IA acompanhando as aulas, ajudando na organização dos materiais didáticos, preparando planos de aula e lecionando algumas aulas na presença ou ausência da professora, ajudando na mediação entre docentes e discentes etc. Em nosso caso específico, a atuação conjunta fez parte também de nossa relação de orientação, que seguiu entre os anos de 2010 e 2012.

2. O Exercício Mineriano

Foi nesse espírito que juntas acompanhamos o aprendizado da turma “B” de Introdução à Antropologia em 2011. No início do curso, quando introduzimos e discutimos a ideia de relativismo, os estudantes leram o famoso texto “O ritual do corpo entre os Nacirema” de Horace Miner (1956). Dentre os materiais que compõem os programas de IA, na UnB e em outras universidades brasileiras, é comum a presença desse artigo. Lido por gerações que se graduaram em Ciências Sociais na UnB – nós autoras, inclusive – o texto apresenta uma descrição distanciada de hábitos de uma população que causa estranhamento, perplexidade e algum divertimento aos leitores de primeira viagem. Ao incitar todas essas sensações e oportunizar assim um conjunto de discussões em sala de aula a respeito da noção de relativismo, fundamental à disciplina, o texto de Miner tem se mostrado uma potente ferramenta para proposição do exercício fundamental na iniciação antropológica de transformar o estranho em familiar e o familiar em estranho (DAMATTA, 1978).

Como de costume, o texto provocou uma animada e inspiradora discussão sobre os quase imperceptíveis rituais corporais que realizamos ao longo do dia. Levando em conta esse estímulo, ao final do curso, em vez de fazer uma terceira prova, optamos por uma estratégia mais literária e criativa. A última avaliação consistiu no que chamamos de “um ensaio à *la Nacirema*”. Em um exercício minimamente sistematizado de relativização, nossa proposta era avaliar a capacidade dos estudantes de perceber o mundo à sua volta e lançar um olhar de curiosidade sobre eventos, rituais, práticas até então absolutamente naturalizadas. Provocávamos nossos estudantes a rever o familiar e conseguir descrevê-lo para alguém que não o conhecesse, que viesse de outra cultura ou região (ou

⁸ No primeiro dia de aula, um pequeno questionário com perguntas biográficas foi respondido voluntariamente pelos estudantes e daí provêm essas informações socioeconômicas agrupadas por nós.

até de outro planeta!). Recomendamos que selecionassem algo circunscrito, passível de ser descrito em três páginas.

Vale lembrar que essa não é uma iniciativa inédita. Outros professores já lançaram mão de tal subterfúgio para incentivar que aprendizes de antropologia consigam deixar suas paragens, visitar outras e voltar transformados. Van der Geest explica que seus estudantes de Antropologia em Amsterdã “foram convidados a olhar para algum costume particular de sua própria sociedade e descrevê-lo com ‘surpresa e diversão’. A tarefa deveria servir como um atalho para a autoconsciência cultural e ao relativismo” (2010, p. 1)⁹. Essa experiência holandesa foi tão exitosa que se passou a publicar um “*Nacirema essay*” em cada *Newsletter da Amsterdam Masters in Medical Anthropology* (AMMA).

O resultado que tivemos com nossas turmas foi também bastante animador, ao ponto que decidimos descrevê-lo nesse relato didático. Parece-nos que, ao final de um curso, em que quase 30 textos foram lidos (dentre artigos de periódicos, capítulos de livros etc.), os ensaios permitiram aos estudantes aplicar o olhar antropológico sobre sua própria realidade, dando-lhes, assim, uma minúscula mostra do que nossas descrições densas podem provocar em nossa auto-percepção e também nossa visão sobre o mundo ao nosso redor. Foi a vez de os estudantes deixarem de ler textos para produzir um de sua própria autoria. Por outro lado, percebemos que há poucos relatos de experiências didáticas realizadas nas salas de aula dos cursos de antropologia. Acreditamos que compartilhar os êxitos (e também revezes) não só pode ajudar docentes neófitos a aprimorar sua prática e povoar seu leque de estratégias didáticas, como pode servir para pensarmos como a antropologia vem sendo ensinada nas universidades brasileiras na atualidade. Há um intuito de registro e memória, mas também uma humilde intenção de auto-reflexão sobre a área. Assim, esse texto pretende, num primeiro momento, fazer um breve apanhado do conjunto de ensaios que recebemos e, num segundo momento, apresentar alguns exemplares dos mesmos.

Em um panorama geral, é possível classificar os 94 ensaios que recebemos das turmas A e B em nove eixos temáticos que contemplam assuntos como as atividades cotidianas e de lazer com grupos de amigos, a convivência e as celebrações em família, o universo do estudo e do trabalho, a mobilidade urbana, as interações em espaços públicos ou por meio de redes sociais e os cuidados com o corpo (Tabela 1). Nesse escopo, é interessante observar as diferenças de gênero. As estudantes concentraram-se sobre os temas da beleza, vestuário, religião, família e sexo; enquanto os estudantes

⁹ Tradução nossa do original, “were invited to look at some particular custom in their own society and describe it ‘with amazement and amusement’. The assignment was meant as a shortcut to cultural self-awareness and relativism”.

se detiveram sobre a sociabilidade noturna e festiva e os esportes. Dentre os esportes, o futebol foi o mais mencionado. Pode ser que o alto número de ensaios sobre os rituais de embelezamento tenham se inspirado diretamente no texto de Miner, voltado para as ebulições corporais e práticas realizadas em banheiros, consultórios de dentistas ou psiquiatra etc.

TABELA 1. TEMAS DOS ENSAIOS

Tema	Incidência
Esportes (futebol, yoga, musculação, judô, videogame, basquete, ballet, colecionismo, natação)	14
Tecnologia (facebook, internet, livro, carro, barcos, aviões, transporte, mercado e consumo, urbanidade)	12
Rituais de embelezamento (depilação, pintura dos cabelos e das unhas, cirurgia plástica, banhos)	12
Festas, baladas, bares e o consumo de cerveja e drogas	10
Tribos (estudantes secundaristas, roqueiros, tatuados, punks, nerds, cosplayers, cegos)	9
Rituais de família (almoço, alimentação, aniversário, gravidez, parto, casamento)	8
Vida universitária (biblioteca, centro acadêmico, cursos de graduação, vestibular, trote)	7
Sexo, sedução, afeto, relacionamentos	6
Outros	16
Total	94

Fonte: Autores.

Impressiona como alguns temas foram recorrentes, sobretudo os quatro primeiros da Tabela 1. A nosso ver, isso revela um pouco do mundo que esses jovens estudantes estavam a experienciar naquele início de vida universitária e que lhes causavam estranhamento, inquietude, fascínio, inspiração ao pensamento. Chamou-nos a atenção, por exemplo, a frequência com que o “líquido mágico” (cerveja) foi mencionado nos ensaios, quer como tema central, quer como personagem importante de outros cenários (festas, rituais, beleza e relacionamentos). A passagem para a maioridade e a possibilidade de frequentar festas e bares e experimentar ou ver outros jovens ingerindo bebida alcoólica e outras substâncias parece ter sido bastante importante. Nossos estudantes talvez tenham encontrado no ensaio, por seu caráter de distanciamento e descrição analítica, um espaço oportuno para falar de tabus, não ditos ou mesmo novidades que lhes eram apresentados naquele primeiro semestre de UnB. Não obstante, mesmo que a vida universitária estivesse no calor da hora, vários ensaios falavam da etapa que alguns destes estudantes haviam acabado de deixar: a relação de total dependência dos pais, o ensino médio, o vestibular etc. Fica-nos clara a impressão de que vivenciavam uma transição entre dois mundos e IA pode ser vista como uma oportuna ocasião para captura desse momento liminar.

3. Os Cinco Ensaios Selecionados

Dentre os selecionados, tentamos guardar um pouco da diversidade temática do conjunto total, mas primamos por aqueles que mais próximo chegaram ou mesmo suplantaram – em criatividade e imersão – os objetivos da atividade proposta. Os trabalhos abaixo apresentados se destacaram, primeiramente, por tratarem de temas bastante próximos a realidades dos estudantes, que claramente lhes desafiaram um exercício de distanciamento reflexivo. Mais do que isso, a criatividade dos recursos que acionaram para realizar esse exercício de relativismo é bastante significativa. Espelhando-se no anagrama dos Nacirema, Autora 3, Autora 4 e Autora 5 descrevem os hábitos e práticas dos grupos urbanos denominados respectivamente “Aluminescentes”, “Jenovs” e “Seromas”. Autor 6 narra as histórias de um velho sertanejo, que rememorava aos seus descendentes as incursões pela “terra dos brancos” e suas práticas lúdicas. Autora 7, por fim, trata do tráfego de pessoas em “grandes locomotivas” e das sociabilidades que ocorrem nesse pequeno espaço móvel.

Os cinco autores foram convidados a publicar seus ensaios aqui. Além de concordarem, fizeram uma última leitura do mesmo. Mas recomendamos que não fizessem muitas modificações, já que a ideia era manter o formato semelhante à proposta de 2011.

4. Considerações Finais

O conjunto de ensaios que lemos e avaliamos em especial os que compõem este artigo, denotam que o texto de Horace Miner não perdeu seu potencial pedagógico ao longo das gerações de estudantes que o leram quando cursaram disciplinas de IA. Pelo contrário, ao inspirar um conjunto de reflexões a respeito de nossas práticas mais cotidianas, propicia terreno fértil para exercícios de desnaturalização e relativização, tão fundamentais a qualquer incursão antropológica. Mais do que isso, a atividade dos estudantes de elaborar um texto a partir da proposta mineriana permitiu-lhes realizar uma reflexão minimamente sistematizada que tanto ofereceu subsídio sólido para trocas com colegas e docentes em sala de aula, quanto permitiu a nós duas nos aproximarmos de parte do universo da turma de IA do qual partilhamos alguns anos atrás, quando fomos graduandas do curso de Ciências Sociais nas décadas de 1990 e de 2000, respectivamente.

Assim, o exercício mineriano, como denominou Van der Geest (2010), tem pleno potencial para vivenciar a Antropologia de forma pessoal e intensa. Também por isso percebemos como tanto IA quanto textos desse tipo têm potencial transformador nesse início da vida universitária. O ensaio

à *la Nacirema* é apenas uma possibilidade de utilização do texto de Miner, sendo possível, acreditamos, muitos outros experimentos profícuos. Concluimos, portanto, num claro reforço dos clássicos, ao sugerir, primeiro, que o texto do Miner é uma boa ferramenta pedagógica e que o ensaio à *la Nacirema* é uma boa estratégia de iniciação e reflexão no campo da antropologia e, segundo, que IA é uma disciplina de grande importância, para públicos amplos e também para as Ciências Sociais, ao permitir a chegada à Antropologia com parcimônia, onde experiências pessoais de vivência, observação e escrita possam ser consideradas para se apreender a alteridade.

Referências Bibliográficas

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter *anthropological blues*. In: NUNES, E. (org.) *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GROSSI, Miriam Pillar; TASSINARI, Antonella; RIAL, Carmen (Org.). *Ensino de antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras*. Blumenau: Nova Letra, 2006.

MINER, Horace. Body ritual among the Nacirema. *American Anthropologist*, 1956, 58, pp. 503-507.

TAVARES, Fátima; GUEDES, Simoni Lahud; CAROSO, Carlos. *Experiências de ensino e prática em Antropologia no Brasil*. Brasília: Ícone Gráfica e Editora, 2010.

TRAJANO FILHO, Wilson. Diretrizes curriculares para os cursos de graduação em ciências sociais - antropologia, ciência política, sociologia quebrando (ainda que lentamente) a inércia: Uma proposta de criação do curso de graduação em antropologia. In: GROSSI, Miriam Pillar; TASSINARI, Antonella; RIAL, Carmen (Org.). *Ensino de antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além fronteiras*. Blumenau: Nova Letra, 2006.

VAN DER GEEST, Sjaak. "Nacirema essay". *Amsterdam Masters in Medical Anthropology Newsletter*, v. 3, 9p, 2010. Disponível em <http://amma.socsci.uva.nl/downloads/newsletter_3.pdf>. Acesso em 2 de janeiro de 2013.

WOORTMAN, Klaas. Breve contribuição pessoal à discussão sobre a formação de antropólogos. In: GROSSI, Miriam Pillar; TASSINARI, Antonella; RIAL, Carmen (Org.). *Ensino de antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além fronteiras*. Blumenau: Nova Letra, 2006.

ANEXOS:

ENSAIO 1. ALUMINASCENTES

Laísa Cardoso

Já tratamos de povos como os Sonacirema. Povos presos a ritos e costumes ligados ao corpo todo – à proteção e purificação de todo o corpo. Hoje, porém, o assunto é outro: falaremos dos Aluminascentes, um povo preso a ritos e costumes ligados aos olhos, mais especificamente, ao desuso

dos olhos. Eles estão espalhados por todo o mundo, então é bem provável que já tenha cruzado com algum deles por aí. Alguns mais reclusos que outros, parecidos em certa medida, mas nunca iguais. E é sobre essas particularidades que trataremos hoje.

A população dos Aluminascentes gira em torno dos 180 milhões¹⁰ e mesmo tendo uma característica comum – certo desprezo por nossa dependência em relação à Luz –, não são todos iguais. Em primeiro lugar, há várias maneiras de se fazer parte desse grupo: pelo nascimento (a forma mais comum) ou por algum tipo de iniciação. Não se pode simplesmente querer dominar as Sombras; é preciso merecer, afirmam. Ser um Aluminascente, para eles, é uma espécie de honra; honraria concedida apenas a quem tem força para arcar com as consequências que dela advém. Em segundo lugar, cada Aluminascente tem sua própria percepção de mundo. Não poderia mesmo ser diferente, não é? A relação indivíduo-meio é única, tanto para nós quanto para eles.

Tem-se especulado muito a respeito desse povo, mas quase ninguém sabe realmente como eles são ou por que são assim. Acredito que este artigo ajudará a (des)construir estereótipos, pois acredito que na Antropologia – e no saber como um todo – tenha mesmo de ser assim: responder para perguntar.

Então, que se apaguem as luzes!

...

Para começar, gostaria de descrever os diferentes graus de relacionamento que um Aluminascente pode estabelecer com as Sombras. Existem Aluminascentes de dois tipos: ortodoxos e moderados. Os ortodoxos deixaram de lado todo tipo de iluminação. Para se movimentar utilizam uma espécie de cajado metálico; vão deslizando essa estranha ferramenta por aí para ver onde estão indo. Para ler e escrever costumam usar uma espécie de agulha e papel grosso (sua linguagem gráfica nos parece totalmente incompreensível!), que é furado e depois lido com o auxílio dos dedos. Ao que parece, cada arranjo de furos no papel significa uma determinada palavra, que só é entendida pelos membros do grupo. Entretanto, diferentemente do modo como escrevem, suas operações matemáticas são feitas com uma calculadora extremamente peculiar: ao invés de mostradores digitais e botões, tudo é feito com arames e pequenas miçangas. Não raro, também é possível encontrar um Aluminascente ortodoxo com estranhas máquinas que dizem o tempo.

¹⁰ <http://www.vejam.com.br/node/39>

Os Aluminascentes moderados tem uma relação mais “aberta” com o nosso mundo: pouco se utilizam dos cajados ou das agulhas, mas quase sempre estão munidos de lentes especiais que lhes possibilita interagir com o nosso mundo sem maiores traumas. Esses dois grupos compartilham de uma capacidade auditiva impressionante e são extremamente sensíveis ao toque. Para tocar um Aluminascente é preciso ter permissão. Suas relações afetivas baseiam-se fundamentalmente na confiança; se o Aluminascente não confiar em você, você não pode forçar uma aproximação.

Em sua maioria (tanto ortodoxos quanto moderados), ao contrário do que se pensa, não se incomodam em viver nas Sombras. Alguns, aliás, acreditam ser um presente divino fazer parte desse grupo. Estes, por sua vez, tendem a fazer de suas vidas um meio de ensinar aos outros (a nós) como a vida é maior que televisões e computadores; eles querem mostrar que no escuro é possível se ver muito mais. É claro, entretanto, que existem alguns Aluminascentes inconformados com o fato de terem suas relações com a Luz cortada (total ou parcialmente), mas, como dito anteriormente, não constituem maioria.

Além de cajados, agulhas e lentes especiais, há outro elemento de ligação entre os Aluminascentes e o nosso mundo. Trata-se de um profissional meio curandeiro, meio engenheiro: o Dux Acie¹¹. É alguém que auxilia os Aluminascentes em sua interação com o nosso mundo. Quando um Aluminascente se torna ortodoxo ou moderado (já que em certos casos, quando há concessões especiais, é possível mudar de “status” dentro do grupo) é o Dux Acie quem os ajuda; às vezes fornecendo as lentes especiais, às vezes aviando poções que são usadas nas órbitas. Sem seu Dux Acie, o Aluminascente dificilmente conseguiria lidar com o nosso mundo. Mas isso não é tudo: nosso papel também é muito importante. O modo como tratamos essas pessoas também afeta sua percepção de mundo: se os mantivermos longe, se tivermos medo, jamais conheceremos seus segredos; se os tratarmos com respeito, se nos abrirmos, perceberemos que há muito mais coisas para serem vistas quando estamos no escuro.

ENSAIO 2. O CULTO AO SORO DA VERDADE ENTRE OS JENOVs

Amanda Duarte Machado

Difícil definir os Jenovs quanto à sua linhagem familiar. Ao invés disso, tem-se uma comunhão muito numerosa e bastante diversa desses indivíduos que não se restringem à teia organizada pela estrutura do parentesco. O que os conecta de alguma forma e o que nos permite chamá-los de grupo são as características comportamentais que possuem em comum. Possuem uma

¹¹ Do latim, “Duque de Campo”.

vida particular que vai além do culto que realizam, cada um com a sua família e as suas atribuições sociais. Mas num determinado período dos seus dias, os Jenovs se reúnem em locais específicos para realizarem o culto ao *Soro da Verdade*. São compostos por mulheres e homens e possuem, geralmente, a mesma idade de vida - uma idade mediana entre o que é considerado para eles a fase de vida mais nova e mais velha. Há entre o grupo os que se enquadram na categoria de idade mais velha, o que, de certa forma, impediria que fossem considerados pertencentes aos Jenovs, mas esses percebem a si próprios como Jenovs pela forma como pensam e se comportam.

Existem vários meios dos quais os Jenovs se utilizam para marcar o local e o horário do culto. Alguns usam um aparelho que emite ondas eletromagnéticas capaz de se conectar a outro aparelho permitindo a transferência de dados e uma conversa em tempo real. Outros utilizam uma forma parecida, mas que se baseia na escrita. É um conglomerado de redes que se conectam e se correspondem através de mensagens escritas, geralmente. Feito este combinado, os Jenovs se encontram no local determinado e começam o seu culto.

Aqui vou expor o encontro desse grupo em um lugar específico, chamado Ume Rab. O Ume Rab está localizado em Ailísarb, que segundo informações coletadas localiza-se a 15°50'16" sul, 47°42'48" oeste do maior país da América do Sul, a uma altitude de 1 000 a 1 200 metros acima do nível do mar. Existem vários Rabs diferentes, tanto em relação à estrutura física quanto ao tipo de culto que se desenvolve neles. Mas para efeito deste estudo, o foco está nos cultos realizados no Ume Rab. No local se encontram várias mesas com várias cadeiras distribuídas por todo o espaço. Sentados ao redor dessas mesas os Jenovs darão início ao ritual celebrado com a presença "indispensável" do *Soro da Verdade*. São também vários tipos de soros disponíveis no Ume Rab, cada um dos Jenovs escolhe o de sua preferência e juntos à mesa começam a beber seus soros. Alguns homens e mulheres - ambos obrigatoriamente tendo que estar na fase intermediária da vida, ou seja, possuir pelo menos 18 anos, segundo a avaliação dessa sociedade - desempenham uma única função: a de servir os Jenovs e levar até eles os soros que escolheram. São conhecidos por Roçagns e são solicitados pelos Jenovs durante todo o ritual - ora sendo chamados por seus próprios nomes de nascença, ora através de um som característico emitido pela boca, como o cantar de um pássaro, ou simplesmente num grito: Roçagns!

Após todos estarem bem servidos – uns compartilhando do mesmo soro contido num recipiente que comporta mais ou menos um litro da substância, outros tomando o soro sozinhos, num único recipiente individual – o culto se inicia verdadeiramente. Envolto por longas conversas, o culto parece uma rebelião de bocas falantes, cada Jenov emitindo um barulho e esboçando infinitas

caretas e trejeitos, tocam uns aos outros e às vezes se pode notar dois deles aproximando-se e trocando algum tipo de carícia, embora isso ocorra, não necessariamente, mas, geralmente, quando muito soro já foi consumido. É chamado de *Soro da Verdade* porque, quando tomado em abundância, propicia conversas, relatos e desabafos que não são expostos pelos Jenovs cotidianamente. Nesses momentos muitos segredos íntimos são revelados. As reações negativas, para o desequilíbrio da organização social entre eles, podem ocorrer se algum deles se tornar violento e provocar desestruturações na convivência, mas, embora isso possa acontecer, nem sempre é muito levado a sério, pois todos entendem que foi por conta do efeito do soro. Outra reação bastante comum nos Jenovs que consomem o soro é a elevação da sensibilidade, levando-os a chorar desenfreadamente, a agarrar uns aos outros ou a qualquer transeunte que esteja por perto do Ume Rab e dizer-lhe palavras de muito afeto sem mesmo o conhecer. Além disso, surge entre eles uma necessidade aparentemente compulsiva de estabelecer contato através da aproximação dos lábios de um indivíduo com os de outro. Esse contato entre as bocas é visto nesta sociedade como uma forma muito íntima de aproximação que, por vezes, está relacionada ao comportamento natural de um casal que se estabeleceu em matrimônio e que, geralmente, planeja perpetuar sua linhagem de parentesco. Apesar do significado dessa aproximação, os Jenovs, no dia seguinte ao culto, raramente se lembram que e com quem estabeleceram esse contato “mais íntimo”. Além do esquecimento, outro sintoma do efeito do soro é a alteração do volume da voz, quando os Jenovs começam a gritar e a falar muito alto, ou mesmo quando dão início a um ritual musical batucando nas mesas e usando os recipientes que contêm o soro para produzir algum som.

O *Soro da Verdade* pode reduzir a capacidade física dos Jenovs e tornar mais difícil a realização de tarefas simples como a de pegar alguma coisa ou andar em linha reta. A dormência dos membros e a tolerância à dor são outras características resultantes do uso do soro, podendo os Jenovs acordarem no dia seguinte cheios de dores e hematomas e não se lembrarem do que aconteceu ou de como se machucaram. O Jenovs podem apresentar dor de cabeça e sintomas de desidratação, recorrendo então ao uso de uma espécie de pastilha medicamentosa capaz de diminuir as dores e enjoos. Depois de consumido, o soro provoca sonolência e não é possível, de certa forma, controlar seus efeitos ao ponto de prever quais serão as reações após seu uso. Às vezes os Jenovs buscam disfarçar que estão sob efeito do soro a fim de evitar constrangimentos ou embaraços que possam comprometer sua relação com pessoas que não o tomaram ou não o tomam com frequência. Nessa hora são várias as precauções tomadas. Uma delas é o consumo de pedrinhas de açúcar ou gomas mastigáveis que se parecem com uma borracha molenga que não se dissolve e que imitam o aroma da planta de hortelã, com o objetivo de disfarçar o cheiro forte de soro em suas bocas. Outra precaução

é o consumo voraz de água e alimento, que podem diminuir o sintoma de desidratação e fraqueza advindo do consumo elevado de soro.

Ao final do culto ao soro da verdade, o grupo de Jenovs se organiza, chama um dos Roçagns e pede o que costumam chamar de Asorolod, um papel onde o proprietário-chefe do Ume Rab, com auxílio dos Roçagns, controla a quantidade de soros que foi consumida e estipula um valor a ser cobrado. Cada Jenov dá a sua contribuição referente ao que foi consumido e, geralmente, determinam um Jenov escolhido pelo grupo para guardar as contribuições e ao final do culto entregá-las ao dono do Ume Rab. Alguns Jenovs não têm como dar sua contribuição no dia e, por conta disso, se comprometem a dá-la numa próxima vez em que o culto novamente se realize. Portanto, o culto se torna um ciclo vicioso permeado por acordos e compromissos. Para os Jenovs, o culto representa tanto uma forma de descontração, como uma forma de alcançar aquilo que chamam de “limpeza mental”, sendo essa última uma abertura para além do desempenho de suas atribuições sociais rotineiras, que os leva a desabafar, refletir e expurgar preconceitos, insatisfações, alegrias e tabus com os quais se relacionam, mas, muitas vezes, mantêm em segredo.

ENSAIO 3. RITUAIS DE RELACIONAMENTO AFETIVO ENTRE OS SEROMAS

Gíllian Arêa Leão Silva

Seromas é um grupo específico que não está restrito ao ambiente do continente americano, possui subdivisões que se fazem presentes em todo o território mundial apresentando entre seus integrantes características em comum. É um povo que sempre esteve em constante contato com outros povos, tendo em vista que fazem muitas fronteiras territoriais e são muito receptivos. A origem dos Seromas não é clara, o que se pode inferir é que eles são oriundos de uma miscigenação, mistura de diversos grupos ao longo do tempo, em função de um longo processo de contato e relacionamentos afetivos com uma variedade de povos.

Os Seromas se organizam em hierarquias, nas quais os integrantes assumem diferentes posições no grupo de acordo com a função que desempenha na sociedade, há chefes maiores que ditam as regras a serem cumpridas pelos demais. O grupo desempenha uma atividade econômica que se encontra em constante ascensão e reconhecimento perante outros povos. Os processos de sociabilidade são variados e a receptividade para com outros povos é o foco das interações entre os indivíduos que a compõem.

Em meio às interações sociais os Seromas necessitam se relacionar de maneira mais afetiva (estabelecer uma relação com o intuito de transmitir e receber afeto e prazer) e intensa com seus

pares, compartilhando as vivências do seu dia-a-dia particular, tratando de questões restritas à individualidade e intimidades de cada um dos envolvidos. Assim como experimentar a troca de afetos (estabelecer apego a alguém através das vivências) a fim de alcançar a felicidade, visto por esse povo como um estado de prazer em viver.

O atrativo dessa prática é a sensação prazerosa (causar satisfação e agrado) proporcionada, amenizando o sentimento de solidão (sensação de isolamento) que permeia esse povo, muito marcado pelo individualismo, um sentimento excessivo voltado para o “eu”, excluindo os interesses dos “outros”.

A dedicação aos relacionamentos afetivos é explicada pela necessidade de renovação das energias para a continuidade das outras atividades e relações sociais demandadas pelo social. A diversidade de formas de estabelecer relacionamentos envolve uma série de comportamentos específicos, marcando a realidade do povo Seromas. Entre os relacionamentos mais expressivos estão os chamados: raroman, visando ou não o rasac, e o mais contemporâneo racif.

O ato do raroman ocorre entre dois indivíduos através de um conjunto de ações comunicativas e táteis em comum, despertando uma sensação de amor (sentir e desejar bem a alguém). É um comportamento social interpessoal que envolve uma relação de interesse recíproco, ou seja, há uma troca de experiências afetivas no período em que se mantêm em contato direto, em um processo de troca de conhecimento entre os pretendentes (pessoas que se dispõe a se relacionarem afetivamente com outras).

Há desentendimentos entre os parceiros (os indivíduos envolvidos discordam de aspectos da relação estabelecida e aspectos da vida particular de cada um) tendo em vista que o conflito de ideias é constante, surgindo vários meios de serem resolvidos. Caso não haja solução dos desencontros gerados nessa fase do raroman, o relacionamento não prospera e se desfaz o laço criado inicialmente entre os indivíduos. Para os integrantes do grupo, quando tem êxito, o raroman é uma etapa necessária no processo de preparação para o estabelecimento de laços mais estáveis e duradouros, como o rasac (ato de unir os indivíduos e dar-lhe um reconhecimento dentro do grupo).

O raroman é um relacionamento que apresenta um grau de comprometimento com o parceiro, ou seja, é dito sério (ato que merece atenção e cuidado) superior ao racif (trocar carinhos por períodos curtos e sem compromisso) e inferior ao rasac. Há um *status* de relacionamento de acordo com as práticas afetivas desenvolvidas pelos indivíduos, os atores que praticam o raroman se enquadram como sodaroman, assim como os que agem o racif são os setnacif e os que rasac recebem o título de sodasac.

A necessidade de não viver sozinho, de ter com quem compartilhar problemas (atos de difícil solução) é uma das principais motivações para o estabelecimento do raroman, assim como a

Vol.3, Nº1. Jan. de 2014.

curiosidade de realizar essa experiência. A atração (poder de encantar o outro) e o desejo (vontades de encontrar e possuir) são consequências do interesse pelo conjunto de percepções a cerca do físico, do diálogo, do agir, do pensar entre ambos.

O raroman apresenta como características o compartilhamento de sensações (um evento que acomete o corpo e a alma dos indivíduos) tais como: alegria (estado de quem tem prazer em viver), segurança, carinho (demonstração de cuidado e gostar para com o outro) culminando no amor. Também estão envolvidas certas atitudes que são importantes para que se desenvolva bem o relacionamento: diálogo continuado, respeito (tratamento honrado, com apreço), confiança (segurança em tudo que o parceiro faz), compreensão (estar disposto a entender as atitudes do outro), sinceridade (ação de se expressar com verdade, sem ter a intenção de enganar), bom humor (estar de bem consigo e com os outros) e humildade (reconhecimento dos erros e acertos com a mesma naturalidade).

A demonstração dos sentimentos é expressa por meio de palavras e atos mais complexos como sojieb, socarba, saicirac e oxes. O sojieb é um ato mútuo de tocar os lábios, fazendo leves sucções que envolvem troca de saliva, concomitante com o encontro e movimento de uma parte interna da boca, chamada língua. A saicirac é a manifestação física de carinho, o tatear do corpo alisando-o e explorando as regiões desconhecidas. O envolver a pessoa com os membros superiores apertando-a, configura socarba. E a expressão de muita intimidade denomina-se oxes, ato no qual há um envolvimento dos corpos, que são explorados até ocorrer o encontro dos órgãos genitais dos indivíduos, que se encaixam e entre diversos movimentos e estímulos proporcionam grande prazer e satisfação para ambas as partes, culminando na liberação de fluídos, que por uma configuração biológica dos indivíduos pode gerar outros da mesma espécie.

Para o estabelecimento do raroman se pressupõe que os envolvidos dispõem de um desenvolvimento corporal e mental para construir um relacionamento sólido futuro, levando em consideração cada item já mencionado. O raroman é um processo marcado por fases que envolvem desde atração (despertar o olhar para as características mais marcantes do indivíduo) até o estabelecimento de afinidades que concretizam a união por mais tempo.

As fases do envolvimento são acumulativas e se desenvolvem da seguinte maneira, fase do primeiro encontro: apresentação e conversas aleatórias sobre os mais variados assuntos, realização de comparações de características mais marcantes de cada um e a verificação de compatibilidades de afinidades; fase de realizar sojieb: afinidade e atração se concretizam, dar-se início a expressão dos primeiros contatos diretos entre o casal; e a fase de assumir o raroman: compreende o

estabelecimento da assiduidade de se relacionar, em que se tem a confirmação com o passar do tempo de todos os aspectos preliminarmente analisados como essenciais.

Raroman é um relacionamento que depois de firmado requer fidelidade (o indivíduo que honra o outro, afirmando ser verdadeiro e não se envolver com outros parceiros paralelamente) pela intensificação da convivência através do compartilhamento do tempo em comum e a criação de expectativas pelas partes, que depositam esperanças na prosperidade desse ato. Com o conhecimento profundo do outro há uma construção de relacionamentos significativos e duradouros, esse processo de se conhecer o outro com profundidade, se mostrar e propor a ser conhecido de forma verdadeira demanda tempo e esforço.

Não há tempo pré-fixado de início e fim do raroman, pois cada indivíduo segue as suas próprias necessidades a depender dos acontecimentos durante o relacionamento, ou seja, por motivos particulares de cada indivíduo. Os ambientes em que ocorre esse rito relacional são variados, geralmente lugares públicos em que há possibilidade de divertimento e onde se possa ter oportunidades para externalizar os sentimentos de forma mais confortável.

Nesse período tudo gira em torno do outro, as realizações em conjunto são expressivas, há uma demanda de tolerância muito alta, assim como a troca de elogios (expressão de uma opinião positiva e admirada pelo indivíduo) e presentes (algo que é dado ao outro como agrado), como forma de reconhecimento pela dedicação (forma de entrega, de realização de algo da melhor maneira possível para o outro) empenhada no relacionamento. Devido a sua importância, há um dia no calendário dos Seromas dedicado aos sodaroman, no qual o casal comemora esse *status* em lugares que ambos gostem e onde há troca de presentes e a realização de votos para que realizem o *rasac* e, finalmente, alcancem o título de *sodasac*.

ENSAIO 4. A GUERRA DO POVO ESTRANGEIRO NA VISÃO DE OKUM, O VELHO POTIGUARA

Nathan Lima Virgílio

O presente texto é uma narrativa sobre as observações feitas por Okum, velho membro do povo Potiguar¹², ao visitar a cidade de Crateús/CE¹³. Apesar da já razoável interação entre os Potiguaras e nossa civilização, Okum esteve durante toda sua longa vida, pouquíssimas vezes em nossas cidades, portanto, estranhava muitos costumes e aspectos culturais de nosso povo.

¹² Os Potiguaras que atualmente habitam, entre outras regiões nordestinas, o sertão crateuense, lutam pela preservação de sua cultura que permanece ameaçada pela ação de grupos religiosos e do Estado brasileiro.

¹³ Crateús é uma cidade localizada no sertão cearense distante mais ou menos 360 km da Capital do Ceará, atualmente possui uma população de aproximadamente 70 mil habitantes.

Numa das visitas feitas a Crateús – a última por sinal – Okum passou um dia na casa de um Pedagogo que o havia prometido alguns objetos manufaturados (cordas e tecidos). Tudo para o velho Potiguara, ali, era estranho, o formato da casa, os objetos e móveis, principalmente, a língua falada, por isso, seu descendente o acompanhou para auxiliá-lo na comunicação com o Pedagogo. Findado seus compromissos em Crateús, o velho Potiguara retorna a seu lar, onde é rei, é diplomata e é respeitado. Ao ver Okum surgindo pelas veredas da caatinga, os pequenos Potiguaras correram em sua direção; queriam presentes. Sim, o velho havia trazidos presentes, mas não materiais. O presente que as crianças que começavam a rodeá-lo queriam eram histórias que Okum trazia em sua memória.

E o velho Potiguara tinha muito o que contar porque, apesar de desgastado pelo sol do sertão e pela terra seca que torturava seus firmes pés, Okum possuía olhos vivos como de uma raposa e a astúcia de um carcará, nada escapava de sua observação. Infelizmente, não podemos nos estender muito, sendo assim, escolhi uma das histórias que Okum contou a Kanauam, um de seus descendentes. Contou Okum:

Antes de o sol surgir acima do serrote, o estrangeiro veio a minha oca onde eu estava o aguardando pacientemente. Eu o recebi com a dignidade de um velho Potiguara e parti com ele e com Yolku rumo às terras exóticas. Após uma longa caminhada pelo mato branco, enfrentando os espinhos dos mandacarus e fugindo dos olhos de possíveis onças, chegamos a um caminho aberto pelo povo estrangeiro e em seguida nos dirigimos ao pé de uma de suas estranhas carruagens. Logo fui convidado a subir e entrar no interior da tal carruagem que era veloz como uma jaguatirica. Não entendo o motivo da pressa dos estrangeiros, não sabem eles que a vida nasce da parcimônia de Kabula e se passa com a serenidade e benevolência de Namura?

Ao chegarmos às terras exóticas, o sol já estava nos nutrindo com sua energia invisível e meu corpo quente e desgastado por Namura não sabia como se portar no meio daquela gente. Havia muito barulho, muitas carruagens. Ali Namura não estava, havia esquecido aquele lugar. Finalmente entramos no interior de uma das pedras onde o estrangeiro morava. Sim, esses homens se abrigavam dentro de pedras, algumas grandes, outras nem tanto. Então, fui convidado a sentar sobre um objeto estranho e macio, mas recusei, preferi sentar-me no chão, próximo à Namura. Enquanto o estrangeiro preparava os presentes, um objeto exótico que estava no interior da oca de pedra iluminou-se como se tivesse aprisionado o sol. Logo todos os membros da família do estrangeiro reuniram-se diante daquele estranho objeto brilhante. Pareciam estar diante de algo sagrado.

Estavam todos felizes; ansiosos, com vestimentas cor do sol e sentados no objeto macio. Dentro do objeto iluminador estavam de alguma forma, vários homens que gritavam muito, pareciam gritos de guerra. Alguns estavam vestidos com tecido cor do sol e outros com tecido cor do céu e das nuvens. Todos estavam sobre algo que parecia um serrote que contornava por completo uma vasta terra coberta por mato verde. Subitamente, alguns homens saíram do chão e pisaram sobre o mato. Metade estava vestindo um tecido da cor do sol e metade um tecido da cor do céu e das nuvens. Todos que estavam a minha volta começaram a proferir gritos que pareciam de guerra. Sim, aquilo tudo parecia uma dança de guerra. A guerra seria entre o povo do amigo estrangeiro, que vestia tecidos com a cor do sol e parecia o representar e o povo que vestia tecidos da cor do céu e das nuvens que certamente adorava e representava o céu. No entanto, não vi armas, não havia flechas, nem lanças, nem cortadores de homens. De qualquer forma, parecia mesmo que estava prestes a acontecer uma batalha entre dois grandes povos estrangeiros, era uma batalha que certamente ocorria em terras longínquas, mas que aquele objeto mágico nos ligava a ela. Passados pouco tempo, ambos os membros das tribos organizaram-se no mato verde de maneira que metade do matagal ficou ocupado por homens que representavam o sol e metade por homens que representavam o céu. Pareciam ser aqueles, os guerreiros escolhidos para a grande luta. No meio do mato, entre os dois povos estavam um estrangeiro vestindo um tecido cor da escuridão e um coco cor das nuvens. Então, um guerreiro da tribo do sol aproximou-se do coco e com os pés o empurrou para seu território ao mesmo tempo em que o homem que vestia o tecido cor da escuridão proferiu um canto muito exótico. Logo em seguida, os guerreiros do povo do céu correram na direção do guerreiro da tribo do sol na tentativa de tomar o coco que esse mantinha próximo aos pés. Tal coco parecia muito importante para aqueles povos, pois ambos tentavam a todo custo, mantê-lo perto dos pés. Por algum motivo os guerreiros não podiam usar as mãos para tomá-lo da tribo rival, nem para empurrá-lo para seus companheiros, com exceção de um membro de cada tribo que tinha enormes mãos. Creio que o motivo para isso é que o coco deveria ser muito pesado e que assim, apenas as mãos grandes e fortes de poucos guerreiros conseguiam suportar seu peso. O tempo se passou e pouco a pouco compreendi que era muito importante para cada guerreiro fazer o coco cor das nuvens passar pelo homem de mãos grandes que permanecia sempre debaixo de uma enorme vara que era sustentada por outras duas que estavam enterradas no chão. Presas nas varas e atrás dos guerreiros de mãos grandes de cada tribo, estavam várias cordas cor das nuvens amarradas entre si. Logo compreendi que se o coco passasse pelo homem de grandes mãos, ele tocaria nas cordas que pareciam ser sagradas e deveriam ser protegidas por esse homem que tinha de evitar que fossem tocadas pelo coco.

Apesar de não haver armas na batalha, todos os guerreiros, muitas vezes, derrubavam o inimigo no chão com grande força. Alguns acabavam se machucando e então, entrava no mato homens em carruagens que com suas técnicas e sabedorias curavam aqueles que estavam feridos e caídos no matagal. De tempo em tempo os guerreiros feridos ou cansados davam a oportunidade de guerrear a outros. Quem comandava essas trocas era o líder dos guerreiros. Esse líder permanecia sempre em torno do matagal onde ocorria a batalha e, por vezes, proferia palavras de incentivo. O homem vestido com tecido cor da escuridão, de vez em quando, ordenava com seu canto exótico que todos parassem a batalha por um curto momento e então, obrigava um guerreiro de uma das tribos a entregar o coco cor das nuvens ao seu inimigo ou fazia isso ele mesmo. Sim, o estrangeiro que parecia representar a escuridão da noite, deveria possuir um imenso poder, já que, todos aqueles valentes guerreiros o respeitavam e obedeciam ao seu canto.

Passado um bom tempo de guerra, quando todos pareciam muito exaustos, o homem que representava a escuridão emitiu novamente seu horrível canto e, desta vez, todos os guerreiros deixaram o matagal e adentraram em suas tocas que pareciam obras de imensos tatus. Neste momento, eu não sabia o que estava ocorrendo, pensei por um momento que as tribos tinham decidido cessar a guerra dada as forças equivalentes dos guerreiros, contudo, não demorou muito e os guerreiros saíram subitamente de suas tocas e se dispersarão pelo matagal para juntarem-se novamente, cada tribo ocupando, como anteriormente, sua porção do matagal. Mas então, foi aí que algo muito estranho ocorreu, os representantes do sol trocaram de território com os representantes do céu e agora, ambos estavam ocupando o território que não o pertencia antes da paralisação da guerra. Talvez tivessem entrado em um acordo e trocado seus territórios, mas infelizmente não compreendi o motivo da troca. De qualquer forma, após o homem que representava a escuridão ter proferido seu canto costumeiro, as tribos recomeçaram a estranha batalha.

Já fazia algum tempo que a guerra ocorria e nenhum dos guerreiros havia conseguido fazer o coco cor das nuvens passar pelo guardião das cordas, até que, repentinamente, um guerreiro da tribo que representava o céu derrubou um guerreiro da tribo que representava o sol de maneira muito violenta e, em seguida, o homem vestido com tecido cor da escuridão proferiu seu maligno canto que ecoou por todo o matagal e por todo o serrote paralisando a batalha. Então, o homem representante da escuridão apanhou o coco com as mãos e o entregou a um guerreiro da tribo do sol. Foi aí que todos se afastaram e deixaram frente a frente o guerreiro da tribo do sol e o guardião das cordas da tribo do céu, estava prestes a ocorrer uma batalha homem a homem. Repentinamente, todo o barulho que vinha dos membros de ambas as tribos que permaneciam

sobre o serrote, cessou. O guerreiro da tribo do sol olhou para cima; para seus compatriotas que o observavam silenciosamente do topo do serrote, enquanto isso, o guardião das cordas da tribo do céu gritava alucinadamente, seus gritos poderiam afugentar a mais valente onça. Então, eis que o homem que vestia a cor da escuridão levou a mão à boca e soltou seu canto, para logo depois, o guerreiro da tribo do sol correr em direção ao coco que se encontrava entre ele e seu inimigo e empurrá-la com os pés. A velocidade com que o coco partiu em direção ao guardião das cordas era, talvez, a mesma que a flecha dos Potiguaras. O guardião das cordas da tribo do céu pulou como uma jaguatirica na tentativa de evitar que o coco tocasse as cordas, mas já era tarde, elas foram fulminadas. Em seguida, todos que estavam sobre o serrote e que pertenciam à tribo do sol proferiram gritos que poderiam ser ouvidos por, talvez, todos os homens do mundo, eram gritos tão altos e barulhentos que podem apenas ser comparados aos gritos daqueles que estavam em minha volta. Após algum tempo de festejo, todos se calaram novamente. A guerra ainda não havia acabado. Os guerreiros pareciam mais ferozes e muitos caíam no chão, derrubados pelos rivais que, por vezes, pisoteavam aqueles que ainda sofriam as dores das pancadas e da queda. Finalmente, o homem que vestia a cor da escuridão pediu o coco e proferiu pela última vez seu canto exótico. Por ter conseguido fazer o coco encostar as cordas do povo do céu, o povo do sol venceu a guerra e assim, seus homens tomaram posse de todo o matagal e os guerreiros da tribo do céu deixaram seu território e adentraram em sua toca. Todos em minha volta comemoraram muito com gritos e cânticos e logo deixaram a oca de pedra, talvez fossem comemorar com os demais membros de seu povo. Depois de algum tempo, o estrangeiro chegou com os presentes, eram muitos tecidos e boas cordas que estão aqui para servir nosso povo. Em seguida, finalmente partimos de volta ao lar dos Potiguaras.

ENSAIO 5. A LOCOMOÇÃO ATRAVÉS DA MÁQUINA COLETIVA

Géssica de Oliveira Motta

Desde sempre que se locomover no espaço é fundamental. Muito antes da descoberta da roda já era necessário migrar à procura de comida, abrigo, ou mesmo para fugir de inimigos ou predadores. Tantos anos depois continua sendo importante, e já pode ser feito das maneiras mais diversas. O que chama a atenção é o modo de locomoção em sociedades que aglomeram pessoas, até mesmo rivais em uma mesma direção, por vezes, em um só lugar.

Exemplo disso é vivido por um povo que mora em um distrito, localizado no maior país da América Latina. Trata-se de um número expressivo de gente que vive ao redor de um pequeno

centro, que foi feito pra abrigar um número também pequeno de pessoas. Porém, pelas mais diversas razões, muita gente foi se aglomerando dentro e ao redor desse centro. Até atingir o ponto em que as pessoas ao redor têm dificuldades de chegar na área central e em alguns momentos, mesmo as pessoas que vivem nessa área, tem dificuldade de mover-se por lá.

Como as distâncias são grandes e esse povo precisa, em sua maioria, estar no centro, pouco depois do nascer do sol, é necessário um meio mais eficiente do que as próprias pernas. Estas funcionam bem apenas para alguns moradores do centro, porém, a maioria da população recorre basicamente a duas formas de locomoção: a máquina particular ou a máquina coletiva que os permitem transitar mais rápido, diminuindo também o esforço físico.

A maneira de locomover-se, mostra de certa forma, a posição do indivíduo na sociedade. Aquele que já atingiu um determinado tempo de vida pode ter uma máquina particular, que geralmente possui duas ou quatro rodas e o transporta direto pra onde quer. Mas para isso, este, precisa efetuar trocas. Como possuem uma economia desenvolvida realizam a troca pela moeda local. Quem possuir mais moedas pode ter a máquina mais bonita, mais rápida, ou com mais recursos.

Além do tempo de vida e das moedas para adquirir a máquina particular, existem regras que exigem das pessoas testes e aulas para que possam transitar com suas máquinas. Isso é feito, para que se mantenha um padrão nesse lugar e só depois de encaixadas em todos esses padrões é que algumas destas podem contar com seu próprio transporte. Depois disso devem ainda possuir moedas para adquirir o líquido que faz a máquina se mover, pois a máquina só se move com esse líquido, ou algum substituto e deve ser recarregada de tempos em tempos em tempos.

Os indivíduos que ainda não atingiram o tempo de vida determinado, não passaram nos testes para se estabelecerem no padrão de ter sua máquina particular, ou que não possuem número de moedas suficientes para adquirir ou mantê-la, geralmente são os que recorrem às máquinas coletivas, que são mais acessíveis. Ao invés de obter a máquina, o cidadão troca um número bem menor de moedas por cada ida ou volta ao centro.

Esta máquina coletiva deveria atender a todos em seu cotidiano, mesmo para que tantas máquinas privadas não ficassem aglomeradas em caminhos tão estreitos, podendo ser usadas apenas para os passeios e ocasiões excepcionais dentro dessa sociedade.

As máquinas coletivas são máquinas grandes com muitas rodas que transportam simultaneamente várias pessoas para destinos comuns. Saem de um espaço enorme onde ficam abrigadas e fazem várias paradas recolhendo e deixando as pessoas até chegar ao centro. Vão e voltam várias vezes ao dia.

Os responsáveis por conduzir as grandes máquinas raramente passam nos lugares que deveriam no tempo combinado. Há um acordo que diz quando os condutores deveriam passar com as grandes máquinas em cada lugar para que as pessoas não fiquem esperando muito tempo, nem fiquem fora da grande máquina. Mas muitos desses condutores, não se preocupam com isso, ou às vezes, ficam impossibilitados de chegar por ficarem parados nas ruas estreitas, em meio a tantas máquinas particulares.

As pessoas para entrar nas grandes máquinas não possuem regras como as que vão utilizar as máquinas privadas, tornando o ambiente dentro dessas máquinas coletivas por vezes insuportável.

É possível observar que quando a grande máquina chega aos lugares para apanhar as pessoas, estas correm para alcança-la e vale a lei do mais rápido, ou do mais forte. Se alguém ousar ser gentil e ceder sua vez, por exemplo, a um idoso ou uma mulher com criança, mesmo estes tendo prioridade aos lugares de sentar, todos o olham de cara feia e empurram o ser gentil.

São poucas máquinas, não há lugar para todos. Os que conseguem subir se espremem dentro da grande máquina que fica pequena diante do número de pessoas. Existem alguns lugares para sentar e algumas barras de ferro para algumas pessoas se segurarem. Como dito anteriormente também há lugares especiais para os anciãos, para os que têm alguma dificuldade de locomoção e para aqueles que carregam crianças dentro ou fora do ventre. Entretanto, esses lugares especiais raramente são usados para seus fins. Os lugares de sentar são os mais cobiçados, mas os que conseguem geralmente apoiam muitos pertences, durante o caminho, daqueles que precisam usar as mãos para segurar-se na barra. Na maioria das vezes, tudo o que é trazido nas mãos das pessoas que a atrapalhem a se segurar é carregado no colo, pelos que estão sentados. Além disso, ajuda na distribuição do espaço. É como um jogo de montar onde se tem que encaixar o maior número de peças dentro do menor espaço possível. Os que ficam em pé estão sensíveis aos movimentos da grande máquina, por vezes algumas pessoas caem sobre outras. Às vezes caem de propósito também, principalmente a espécie masculina por muitas vezes usa a situação para ativar seus estímulos, ora pela proximidade com o sexo oposto, ora encostando ou pegando mesmo sem lhes consultarem. O que pode render um belo conflito, mas na maioria das vezes, a mulher guardar seu constrangimento, pois nessa sociedade caso ela relate o ocorrido, corre grande risco de acabar sendo culpada por provocar o homem.

No interior das grandes máquinas, por incrível que possa parecer, ainda existe um pequeno comércio. Os que possuem comida e água realizam a troca por moedas com as pessoas que andam frequentemente na grande máquina. Por vezes aparecem também artistas que distraem as pessoas em troca de moedas. E não raro surgem ainda os pedintes que não fazem nada, apenas querem moedas e, diga-se de passagem, arrecadam muitas delas.

Além do campo da visão, é possível perceber os mais diversos ruídos, desde o som produzido pela máquina, até os sons que as pessoas carregam em seus aparelhos particulares que revelam aquilo de que elas gostam de escutar. Claro há também os diálogos entre as pessoas que estão dentro da máquina e os gritos dos comerciantes, artistas e pedintes.

Outro fator interessante é que quando o sol nasce, as pessoas estão mais tratáveis do que mais próximo do pôr do sol. Quanto mais próximo deste, mais difícil é lidar com o povo dentro das grandes máquinas. O odor é outro fator, logo no início do dia costuma ser de flores, mas no decorrer dele fica uma mistura do cheiro de flores com os líquidos que o corpo exala. O que mais chama a atenção é que os cheiros nesse lugar costumam ser sempre fortes.

Mais que uma mistura de sons, odores e situações, encontra-se uma mistura de culturas em um pequeno espaço, por um determinado tempo. Trata-se de indivíduos que não seguem uma mesma norma dentro de um local, fazendo com que fiquem cada vez menos contentes e mais grosseiros cada vez que entrem na máquina coletiva. É uma verdadeira descoberta sociológica, no sentido que se referia Peter Berger quando dizia: “Os antropólogos usam o termo “choque cultural” para descrever o impacto de uma cultura totalmente nova sobre um recém-chegado... A experiência da descoberta sociológica poderia ser descrita como “choque cultural” menos deslocamento geográfico” (BERGER, 1989, p. 33).

BERGER, Peter L. *Perspectivas sociológicas: Uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes, 1989.